

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

MARILANE ANUNCIÇÃO HONORATO MONTEIRO

**A ALFABETIZAÇÃO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA  
NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA**

Belo Horizonte

2012

MARILANE ANUNCIAÇÃO HONORATO MONTEIRO

**A ALFABETIZAÇÃO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA  
NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas- Língua Portuguesa e Literatura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Belo Horizonte

2012

MARILANE ANUNCIÇÃO HONORATO MONTEIRO

**A ALFABETIZAÇÃO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA  
NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas - Língua Portuguesa e Literatura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Gilcinei Teodoro Carvalho – Faculdade de Educação da UFMG

---

Maria Gorete Neto – Faculdade de Educação da UFMG

## RESUMO

Atualmente não é mais aceitável que se discorra sobre alfabetização sem incluir com veemência o letramento, uma vez que devem ser entendidos como processos distintos, mas complementares, inseparáveis e ambos indispensáveis. Assim, o alfabetizador deve possuir uma boa fundamentação teórica para poder adequar o melhor método às necessidades de seus alunos, buscando uma articulação entre os enfoques para a alfabetização e para o letramento. Após a realização de pesquisa bibliográfica a respeito da alfabetização, do letramento e da influência da consciência fonológica no processo de aquisição da escrita, realizou-se uma pesquisa empírica com alunos e professores do 1º. Ano do Ensino Fundamental. Os objetivos desta pesquisa empírica foram: a) conhecer os métodos utilizados para alfabetizar, bem como o que é preciso para alfabetizar; b) avaliar as atividades que são utilizadas para desenvolver a consciência fonológica e c) averiguar se o desenvolvimento da chamada consciência fonológica contribui de forma significativa para o processo da aquisição da escrita. Através da análise dos testes aplicados, constatou-se que a criança deve dominar a correspondência fonema-grafema para poder extrair sentido do material escrito. Sendo assim, a consciência fonológica capacita as crianças em fase de aquisição da escrita a fazerem uma melhor utilização das pistas grafêmicas, compreendendo as correspondências entre essas unidades da escrita e os fonemas. Quanto aos métodos utilizados para alfabetizar, notou-se que o que realmente faz diferença no processo de desenvolvimento da escrita não é o método em si, mas, sim, a metodologia utilizada pelo educador. A metodologia precisa ser suficientemente abrangente para poder cobrir toda a complexidade tanto do sistema de escrita quanto das práticas sociais que fazem uso dessa escrita.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Letramento, Consciência Fonológica.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....</b>	<b>7</b>
2.2 O ciclo da alfabetização.....	8
2.3 Métodos de alfabetização.....	10
Método Sintético.....	10
Método Analítico .....	11
Método Misto.....	11
2.4 A Metodologia na alfabetização.....	12
<b>3.CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA.....</b>	<b>13</b>
3.1 Concepções divergentes - Consciência fonológica versus aquisição da escrita.....	14
3.2 Os níveis da consciência fonológica.....	15
<b>4. RESULTADOS OBTIDOS .....</b>	<b>17</b>
<b>5.CONCLUSÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>
<b>7. ANEXOS .....</b>	<b>29</b>

## 1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal demonstrar, através da análise de entrevistas e de atividades aplicadas em alunos de séries iniciais de alfabetização, se a utilização de atividades que desenvolvem a consciência fonológica contribui de forma significativa para a aquisição da escrita.

Visando conhecer os métodos utilizados para alfabetizar, bem como o que é preciso para alfabetizar e quais as atividades que são utilizadas para desenvolver a consciência fonológica, foram entrevistadas quatro professoras alfabetizadoras. Nessas entrevistas foram destacadas as concepções de alfabetização e de consciência fonológica que sustentam o trabalho destas professoras.

Para avaliar a contribuição da consciência fonológica no processo de aquisição da escrita foram aplicadas três atividades a dezoito alunos do 1º. Ano do Ensino Fundamental.

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, e neste caso específico da Língua Portuguesa, podemos perceber nitidamente que,

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCN - Língua Portuguesa , p. 15)

Dessa forma, neste trabalho, discorre-se inicialmente sobre alfabetização e letramento, em seguida sobre o ciclo de alfabetização, métodos de alfabetização, metodologia na alfabetização, consciência fonológica. O processo de desenvolvimento da escrita é muito complexo e se faz necessário conhecer as atuais concepções desses temas tão importantes para a realização de um trabalho de alfabetização e letramento que realmente possa ser significativo para as crianças.

Em seguida, são apresentados os resultados obtidos após a aplicação das atividades e a análise dos dados obtidos com as entrevistas.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Alfabetização e Letramento**

A alfabetização é considerada um processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita e o letramento é um processo de inserção e participação na cultura escrita. Esses dois processos – alfabetização e letramento – são entendidos como processos distintos, com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis.

Neste sentido, para Magda Soares (2003), “[...] o letramento, é pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita”

Dominar a tecnologia da escrita, desenvolvendo um conjunto de capacidades/habilidades necessárias no processo de apropriação do sistema convencional da escrita é uma condição necessária para que a criança aprenda a ler e escrever, mas não é suficiente para que ela domine os usos e funções sociais do mundo que a rodeia.

Para Magda Soares (2004), no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas da leitura e da escrita, a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional da escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita – o letramento.

Nessa mesma direção, Ribeiro (2003, p.56) evidencia que uma das implicações pedagógicas que o conceito de letramento traz é a necessidade de reflexão sobre o papel da escola e o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondam com mais eficiência às demandas sociais relativas ao letramento: “não é a aprendizagem da língua escrita em si que transforma as pessoas, mas os usos que elas fazem desse instrumento.”

No que se refere a métodos de alfabetização visando também o letramento, alfabetizar com foco apenas na decodificação do sistema de escrita não contribui de

forma eficaz na formação do sujeito, assim como apenas “letrar” sem que o sujeito conheça bem o código também não contribui para sua formação.

Neste sentido, SOARES, 2003, p. 90 apud COLELLO, (2004) afirma;

“Porque alfabetização e letramento são conceitos freqüentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção se faz necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele.”(SOARES, 2003, p. 90 apud COLELLO, 2004)

Para alfabetizar e letrar, em todos os conteúdos curriculares, desde o 1º. Ano do Ciclo de Alfabetização, torna-se necessário conhecer melhor as características deste ciclo, bem como suas peculiaridades, as características das crianças, tanto no que se refere aos aspectos lingüísticos quanto cognitivos.

## **2.2 O ciclo de alfabetização**

O 1º. Ciclo é considerado o “Ciclo da Alfabetização” porque as especificidades que envolvem a aquisição do processo de leitura e escrita precisam ser trabalhadas sistematicamente e consolidadas neste período. A aprendizagem do sistema alfabético e ortográfico da escrita é condição básica para que a criança leia e escreva com autonomia desejada.

Esta aprendizagem envolve capacidades como: compreender que existe diferença entre a escrita alfabética e outras formas gráficas e a natureza do nosso sistema de escrita alfabético; reconhecer as letras do alfabeto e as correspondências entre grafemas e fonemas; dominar as convenções gráficas (direção e alinhamento da escrita, segmentação das palavras) e entender que existe uma forma convencional de escrever as palavras, que algumas têm regras mais estáveis e outras não.

Assim, o que para o adulto parece ser simples de ser apreendido, para a criança envolve um trabalho de reflexão sobre sons da língua, de memorização e de compreensão de um complexo sistema.

A compreensão sobre como se desenvolve o pensamento lógico da criança demonstra que, nesta fase, o ensino não se baseia puramente em enunciados

verbais ou hipóteses, sendo necessário relacionar os conhecimentos e conteúdos às experiências dos educandos. Neste sentido, Vygotsky (1989) valoriza as interações sociais e a influência do meio no processo de desenvolvimento humano. Para ele, o desenvolvimento e a aprendizagem são processos interdependentes, pois a aprendizagem realizada pelo indivíduo pode modificar seu desenvolvimento.

Nessa faixa etária, a criança avança progressivamente na sua capacidade de substituir os acontecimentos ou objetos por representações (desenho, números, palavras, símbolos) e sua relação com o mundo é mediada pelos sistemas simbólicos e a linguagem é o sistema simbólico básico.

As crianças do 1º Ciclo apresentam-se, na perspectiva piagetiana, em um período de transição fundamental entre o plano de ação e o da operação, ou seja, ao executar a ação materialmente e a interiorizar, a criança vai aprimorando a capacidade de combinar essas ações no pensamento e de elaborá-las de maneira reversível. As operações são ações pensadas, que exigem primeiramente uma concretização para que, em seguida, a criança seja capaz de reconstruir seu pensamento, de forma sempre ativa, resultado de uma estratégia de reflexão.

O desenvolvimento da linguagem cumpre um papel decisivo para ajudá-la a sistematizar o resultado de suas ações, a recordar, a compreender e a dar forma ao seu pensamento.

O ciclo de alfabetização, de acordo com a Resolução SEE/MG nº 1.086/08, terá suas atividades pedagógicas organizadas de modo a assegurar que, ao final do 1º Ano, todos os alunos sejam capazes de:

- Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura;
- Conhecer os usos e funções sociais da escrita;
- Compreender o princípio alfabético do sistema de escrita;
- Ler e escrever palavras e sentenças.

Para desenvolver essas capacidades, há a necessidade de um ambiente alfabetizador em sala de aula, caracterizado pela presença de diversos gêneros textuais, que são diferentes espécies de textos escritos ou falados, que circulam na sociedade.

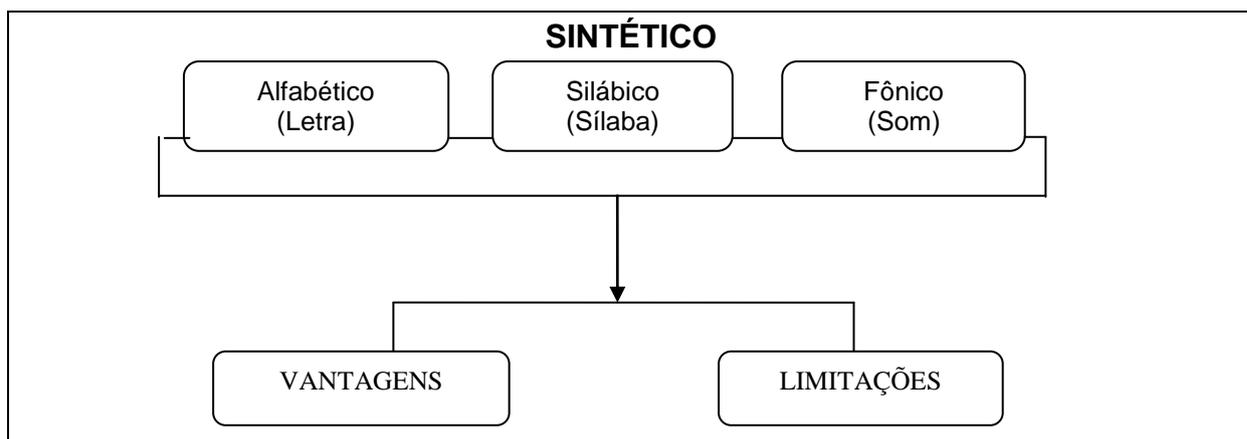
O ambiente alfabetizador não se resume apenas à presença de material escrito disposto na sala, mas também é construído na interação com o professor, que deve conhecer os diversos métodos de alfabetização, suas vantagens e limitações para “alfabetizar e letrar” em todos os conteúdos curriculares, de forma organizada e sistemática e utilizando estratégias metodológicas eficazes.

### 2.3 Métodos de alfabetização

Para alfabetizar torna-se importante conhecer as possibilidades e os limites dos diferentes métodos de alfabetização: o Método Sintético, o Método Analítico e Método Misto. Essa divisão corresponde a uma classificação tradicionalmente presente na formação docente e também nas discussões que ocorrem quando se tematiza a alfabetização e as estratégias de ensino.

#### Método Sintético

Consiste em decorar todo o alfabeto, reconhecer cada letra isoladamente, reunir as sílabas para formar e ler palavras. Aprende-se o alfabeto depois as sílabas, palavras, frases e textos.



#### *Vantagens*

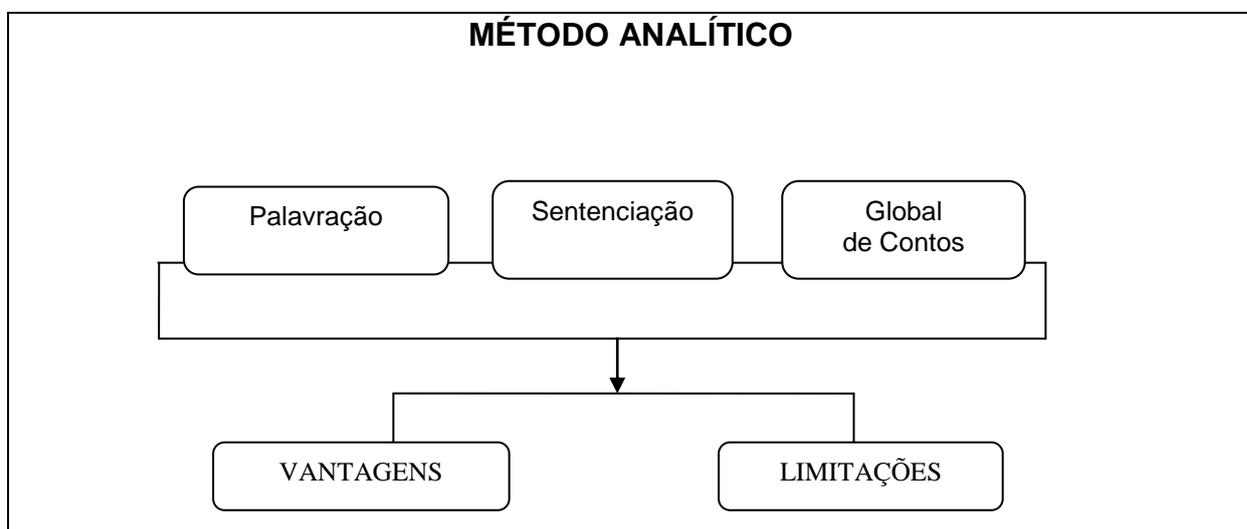
Aborda uma dimensão importante e necessária para a aprendizagem da escrita: análise entre fonemas (“sons” ou unidades sonoras) e grafemas (“letras” ou grupo de letras); oferece elementos facilitadores para a codificação e decodificação e promove o desenvolvimento da consciência fonológica.

## Limitações

A não exploração das complexas relações entre a fala e a escrita, suas semelhanças e diferenças; enfatiza construções artificiais e repetitivas de letras, sílabas e fonemas, apenas a serviço da repetição e da memorização, se aplicado de forma absoluta; enfatiza a leitura mecânica, na medida em que se ocupa em situações artificiais de treinamento de letras ou sílabas; demonstra rigidez no controle das aprendizagens e tende a priorizar apenas a decodificação, com pouca ênfase no sentido dos textos; desconsidera os usos e funções sociais da escrita; oferece como objeto de estudo elementos fonéticos, os quais são destituídos de significados, podendo levar o aluno ao desinteresse.

## Método Analítico

Pode iniciar com a palavração, com a escolha de uma palavra com sílabas simples. Em seguida passa-se para o processo de sentencição onde o fundamental são as frases curtas que tenham sentido completo e que apresentem uma seqüência de dificuldades crescente; frase - palavra - sílaba – letra e o processo de contos.



## Vantagens

Estimula a criança a ler unidades com sentido mesmo que apenas pelo reconhecimento global, desde o início de sua escolarização; trabalha com uma habilidade muito importante na leitura: o reconhecimento global e rápido das

palavras; dá ênfase à compreensão, ao sentido e em suas ações inteligentes de busca de leitura como fonte de prazer e informação; apresenta uma linguagem que se aproxima mais do uso efetivo;

### *Limitações*

Corre-se o risco de um aluno utilizar o recurso da memorização sem observar que as palavras são compostas de unidades menores; enfatiza construções artificiais e repetitivas de palavras, frases e textos; mantém controle rígido da sequência do processo e das formas de interação gradual da criança com escrita;

### **Método Misto**

Consiste na utilização dos dois métodos, de forma combinada, procurando-se utilizar o que há de melhor em cada método. Cabe ao educador de forma crítica e objetiva, atentar-se para a metodologia, pois é destacado o fato de que não existe uma direção única tanto no processo de ensino quanto do processo de aprendizagem e que o debate sobre qual o melhor método é improdutivo porque não se trata de fazer uma escolha absoluta, como se essa escolha fosse o único fator de sucesso ou de fracasso.

## **2.4 Metodologia na alfabetização**

Metodologia é a aplicação didática de procedimentos que organizam uma ação pedagógica. Tem como finalidade captar e analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar suas capacidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização.

Assim, a tomada de decisões metodológicas pertinentes á alfabetização incluem tomadas de posição que vão além dos métodos, destacando-se:

- A definição de capacidades a serem atingidas pelos alunos (matriz de ensino);

- A organização da sala de aula e de um ambiente alfabetizador; escolha de materiais, escolha de atividades pedagógicas; escolha de formas de avaliar.

### **3. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA**

O termo “*consciência fonológica*” que refere-se à consciência individual da estrutura do som de uma palavra falada, surgiu em finais de 1970, mas foi na década de 90, que houve um assinalável crescimento nos estudos, que investigaram a sua importância para a leitura e escrita, isto levou à adaptação geral do termo na literatura científica e na educação, nas patologias da linguagem e nas práticas da psicologia clínica

Em seu artigo Treino de Consciência Fonológica em crianças com dificuldades de aprendizagem, Carvalhais (2011) afirma que descobertas resultantes dos estudos de intervenção, os quais demonstraram a pouca presença de exercícios da consciência fonológica no desenvolvimento da competência leitora e na performance da compreensão da leitura, conduziram a um aumento pragmático do interesse na consciência fonológica.

Assim ela, utilizada primeiramente para detectar possíveis dificuldades de aprendizagem, porque a utilização de atividades que a desenvolve nos primeiros anos de aprendizagem da leitura e escrita, pode ser preditora em relação a uma performance tardia de leitura e escrita e permitir uma intervenção precoce a fim de prevenir problemas escolares, também pode ser utilizada para facilitar o processo de alfabetização.

Neste sentido, Carvalhais (2011) afirma,

porque a compreensão da informação e das ideias expressas é, sem dúvida, o objetivo principal da leitura e da escrita e que se encontra tanto mais desenvolvido, quanto maior for a capacidade de decodificação do código escrito, ...A importância da consciência fonológica no desenvolvimento da escrita reconhecida também. Escrever já não é mais considerado um exercício de memorização visual. Na verdade, a escrita é agora vista como uma capacidade de linguagem – base, no qual o conhecimento da estrutura dos sons da fala é uma importante componente. Carvalhais, (2011)

Durante o processo de alfabetização, a utilização de atividades que desenvolvem a consciência fonológica, para facilitar o processo de aquisição da escrita, tem contribuído para o desenvolvimento desta, uma vez que, sendo o conhecimento acerca da estrutura sonora da linguagem, desenvolve-se nas crianças ouvintes no contato destas com a linguagem oral de sua comunidade.

"A consciência fonológica desenvolve – se gradualmente conforme a criação adquire conhecimento das palavras, sílabas e fonemas como unidades possíveis de identificação. O desenvolvimento da consciência fonológica parece ocorrer naturalmente, segundo um ritmo previsto na linguagem oral. Porém, também é afetado pelo tipo de experiência que a criança possui. Em torno de seis a sete anos de idade, há um crescente desenvolvimento desta consciência, coincidindo com o início da escolarização". Medeiros e Oliveira, (2008).

Assim, pode-se afirmar que é na relação dela com diferentes formas de expressão oral que essa habilidade metalingüística desenvolve-se, desde que a criança se vê imersa no mundo lingüístico.

Dessa forma, não se pode pensar em consciência fonológica como algo que as crianças têm ou não tem, mas como habilidades apresentadas em maior e menor grau, que são desenvolvidas ao longo da infância.

Neste sentido Riviere ( 2001) e Carvalho (2007) apud Silva (2010) afirmam que a consciência fonológica é a capacidade de distinguir e manipular os sons constitutivos da língua. Ela existe, de maneira mais ou menos grosseira, antes do aprendizado da leitura e se reforça ao longo dos diferentes tempos desta aquisição.

Segundo (Morais (1989 apud Lamprecht, 2004) a consciência fonológica se refere à representação consciente das propriedades fonológicas e das unidades constituintes da fala. Ela é a consciência dos sons que compõem as palavras que ouvimos e falamos (Cardoso-Martins, 1991, p.103 apud Lamprecht, 2004) e permite a identificação de rimas, de palavras que começam ou terminam com os mesmos sons e de fonemas que podem ser manipulados para a criação de novas palavras.

Ela não pode ser considerada um construto unitário (Roazzi e Dowker, 1989 apud Lamprecht, 2004), mas deve ser vista como uma habilidade cognitiva que envolve diferentes níveis linguísticos (sílabas, unidades intra-silábicas, fonemas) e

pode ser testada através de diferentes tarefas. Neste sentido, (Moojen e colaboradores (2003) apud Lamprecht, 2004) afirmam que,

A consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor). (Moojem et al., 2003, p.11 apud Lamprecht, 2004).

Assim, ela pode ser manifestada em um nível implícito ou explícito. O jogo espontâneo com os sons das palavras representa a consciência fonológica implícita, ao passo que a análise consciente desses sons caracteriza a consciência fonológica explícita (Roazi e Dowker, 1989 apud Lamprecht, 2004).

A respeito da polémica gerada pelo tema consciência fonológica é possível citar Freitas (2004) que afirma que,

a hipótese da consciência fonológica desenvolver-se a partir da aquisição da escrita, isto é, essa consciência como consequência da alfabetização, parece estar baseada somente na consciência fonêmica, não levando em consideração habilidades no nível das sílabas e das unidades intrasilábicas, as quais podem existir antes da exposição à escrita e enfatiza o caráter heterogêneo dessa consciência como o responsável pela grande discussão da literatura quanto à caracterização de sua relação com o código escrito.  
Freitas (2004)

O desenvolvimento da consciência fonológica nem sempre se dá na ordem palavras>rimas>aliterações>sílabas>fonemas. Porém, parece ser um consenso que a última habilidade a surgir seja a consciência fonêmica, que consiste na capacidade de analisar os fonemas que compõe a palavra, devendo ser encarada como o nível mais complexo de consciência fonológica, porque é no processo de aquisição da escrita que esse tipo específico de habilidade passa a se desenvolver, sendo esta a capacidade mais refinada da consciência fonológica.

### **3.1 Concepções divergentes:**

#### **Consciência fonológica *versus* aquisição da escrita**

A grande maioria dos estudos sobre consciência fonológica relaciona o desenvolvimento das habilidades metafonológicas à aquisição da escrita. No entanto, existem alguns questionamentos sobre a direção dessa relação.

Os estudos sobre consciência fonológica, realizados nas últimas três décadas, apresentam concepções divergentes sobre sua relação com a aquisição da escrita. Alguns deles afirmam que as habilidades metafonológicas proporcionam a aquisição da escrita (Lundberg et. al.,1988 apud Lamprecht, 2004), enquanto outros (Morais, Cary, Alegria e Bertelson, 1979; Read et. al.,1986 apud Lamprecht, 2004) favorecem uma conexão contrária, que garante que adquirir o código escrito desenvolve a consciência fonológica. Porém, uma terceira concepção, amplamente aceita em pesquisas atuais, afirma que a consciência fonológica e aquisição da escrita se influenciam de forma recíproca (Gathercole e Baddeley, 1993; Moraes, Mousky e Kolinsky, 1998 apud Lamprecht, 2004).

Adams (1990 apud Lamprecht, 2004) pondera que é possível que certos níveis de consciência fonológica precedam à aprendizagem da leitura, enquanto outros mais avançados resultem dessa aprendizagem. Ou seja, a criança, antes de iniciar o processo de aquisição da escrita, já possui habilidades metafonológicas; com o contato com a escrita, desenvolve outras capacidades e aprimora aquelas que ela já possui. Esta ideia pressupõe a concepção de que a consciência fonológica e aquisição da escrita são fatores que se relacionam de forma recíproca.

Nesdale(1988) e Williams(1980) apud Lamprecht, 2004 acreditam que ao menos um nível mínimo de consciência fonológica é necessário para descobrir as correspondências sistemáticas entre grafemas e fonemas. Pode-se levantar a hipótese de esse nível mínimo caracterizar-se pelas habilidades metafonológicas relacionadas à sílaba e às unidades intra-silábicas, que auxiliarão na aquisição da escrita e no reconhecimento das unidades fonêmicas. É possível que a aprendizagem da correspondência entre sílaba falada e a sílaba escrita contribua para a descoberta dos fonemas de uma maneira ainda mais direta (Cardoso-Martins, 1991, p.48 apud Lamprecht, 2004).

## **3.2 Níveis da consciência fonológica**

O conceito de consciência fonológica pode ser definido genericamente como a capacidade de conscientemente manipular (mover, combinar ou suprimir) os elementos sonoros das palavras.

Atualmente, os pesquisadores que se dedicam à investigação da consciência fonológica adotam a noção de níveis, reconhecendo que essa consciência é um contínuo que se desenvolve em uma escala. São explicitados três níveis de consciência fonológica: nível das sílabas, nível das unidades intra-silábicas e nível dos fonemas.

### **Nível das sílabas**

Compreende a capacidade de dividir as palavras em sílabas, sendo o primeiro e talvez o mais óbvio caminho de segmentação sonora, que traz pouca dificuldade à maioria das crianças, pois desde cedo elas apresentam a habilidade de dividir uma palavra em suas sílabas oralmente, sendo um excelente indicativo de que possuem um nível de consciência fonológica.

Gombert (1992) apud Lamprecht 2004 afirma que a sílaba é a unidade natural de segmentação da fala, logo ela é mais acessível do que as unidades intra-silábicas e os fonemas.

### **Nível das unidades intra-silábicas**

As palavras podem ser divididas em unidades que são maiores que um fonema individual, mas menores que uma sílaba, ou seja, as unidades intra-silábicas.

Através da capacidade de identificar os sons finais são identificadas as rimas e a identificação de sons iniciais possibilita o reconhecimento de aliterações.

Segundo Goswami e Bryant (apud Lamprecht 2004), a rima parece ser parte natural e espontânea do desenvolvimento linguístico. Ela é um nível de

conhecimento elementar que faz parte da vida das crianças desde cedo, estando presente em músicas, brincadeiras e livros infantis.

### **Nível dos fonemas (consciência fonêmica)**

Este nível compreende a capacidade de dividir as palavras em fonemas, ou seja, nas menores unidades de som que podem mudar o significado de uma palavra. Para isso é necessário o reconhecimento de que uma palavra é, na verdade, um conjunto de fonemas.

Consciência fonêmica é a habilidade de manipular conscientemente os segmentos. Ela emerge quando a criança se dá conta de que as palavras são constituídas de sons que podem ser modificados, apagados ou reposicionados (Haase, 1990 apud Lamprecht, 2004).

Consciência fonológica e consciência fonêmica não são termos que podem ser tratados como sinônimos e nem a consciência fonológica ser tratada apenas como a capacidade de manipular fonemas. Ela é algo mais abrangente que envolve a manipulação de sílabas, unidades intra-silábicas e fonemas.

A consciência fonêmica, por sua vez, está inserida nas habilidades metafonológicas, sendo a capacidade de identificar e manipular fonemas.

## **4. RESULTADOS OBTIDOS**

### **Descrição das atividades desenvolvidas**

Para elaboração deste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema Alfabetização e Consciência Fonológica no Processo de Desenvolvimento da Escrita, e uma pesquisa empírica com alunos e professores alfabetizadores da Escola Municipal “Engenheiro Oscar Weinschenck” no município de Congonhas.

As atividades analisadas foram aplicadas a dezoito alunos do 1º ano do Ensino Fundamental e procurou-se analisar a influência da consciência fonológica no processo de aquisição da escrita.

Dentre as 18 crianças investigadas se faz importante considerar que três encontram-se no nível pré-silábico, quatro no nível silábico, nove no nível silábico alfabético e dois no nível alfabético.

Entre esses níveis Pré-silábico para o Silábico e do Silábico para o Alfabético ocorre um momento importante no desenvolvimento hipotético das crianças para a construção do sistema de representação da escrita.

Santos (2010) a respeito desse momento explica que,

A criança passa a perceber o valor sonoro e posicional das letras do alfabeto na representação da fala através da escrita, e que nesta representação da fala não podemos usar letras aleatórias para formar palavras, bem como, nem sempre podemos usar apenas uma letra para representar um fonema no registro escrito de uma palavra.

Esses dados foram obtidos após análise do gráfico construído a partir da Avaliação da Construção da Hipótese de Escrita, realizada por todas as escolas da rede Municipal de Ensino de Congonhas no mês de maio de 2012.

Esta avaliação é feita pelo professor e consiste em ditar individualmente quatro palavras e uma frase para verificar em que nível de aquisição da escrita a criança se encontra, para que esse professor possa direcionar da melhor forma o planejamento e a execução de atividades.

Emilia Ferreiro (1989) afirma que a criança vivencia estágios diferenciados de desenvolvimento, num processo de elaboração crescente de hipóteses, até compreender o funcionamento do processo de leitura e escrita como um sistema de representação da linguagem e dele fazer uso.

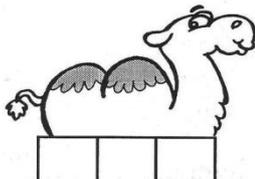
É importante ressaltar que o trabalho de alfabetização realizado com esses alunos ao longo do semestre baseou-se em atividades que buscavam desenvolver a consciência da relação som-fonema, visto que no início do ano a maioria já conhecia as letras do alfabeto. Nos momentos de leitura coletiva das palavras, os alunos eram instigados a prestar atenção ao som das sílabas e sua grafia. E, após a leitura, perguntava-se a eles o que tinham acabado de ler.

Além das atividades que serão descritas a seguir, foram trabalhadas atividades que privilegiavam as rimas, letra inicial e final, caça-palavras, cruzadinhas.

O teste 1 foi um ditado silábico e visava a verificar a consciência silábica que consiste na capacidade de segmentar a palavras em sílabas.

### Teste 1

**DITADO SILÁBICO**  
Escreva o nome dos desenhos, colocando cada sílaba num quadrinho.

 □ □ □ □	 □ □ □ □	 □ □
 □ □ □ □	 □ □	 □ □
 □ □	 □ □ □ □	 □ □ □ □

Os alunos deveriam escrever o nome do desenho, colocando cada sílaba num quadrinho. Dos dezoito participantes, todos demonstraram ter essa

consciência. Três conseguiram grafar as palavras de forma correta, seis grafaram a palavra CADEADO na forma CADIADO.

Percebe-se a presença da consciência fonológica na grafia da palavra CAMA (CÃAMA), COCO (COCU), CABIDE (CABIDI), CAMELO (CANELO). Observou-se também que os alunos que se encontravam no nível pré-silábico compreendiam a divisão correta da palavra em sílabas e quando não conseguiam representar essa divisão corretamente, escreviam uma letra da sílaba no quadrinho.

No nível silábico, a criança usa a hipótese de combinar consoantes e vogais, e encontra-se diante de um novo conflito cognitivo que é o da percepção de que na escrita alfabética “a combinação dos significantes não representam sílabas, mas as pequenas unidades fonéticas que a compõem” (SOARES e BATISTA, 2005-2007, apud Silva, 2010). Mas aqui também se faz presente conflitos gerados pelos eixos quantitativo e qualitativo.

Pelo eixo quantitativo, o aprendiz identifica sonoramente que nem sempre uma letra é suficiente para representar a sílaba. Percebe fonemas ainda menores na palavra e que há uma variedade de possibilidades para se registrar uma sílaba. Pelo eixo qualitativo, descobre que há variações de representação e registro sonoro entre fonemas. Ou seja, que não há correspondência biunívoca entre os sons da fala e a escrita.

No teste 2, o objetivo era perceber se os alunos já possuíam a capacidade de reconhecer que a palavra é, na verdade, um conjunto de fonemas e averiguar se, no registro das palavras, haveria a presença da consciência fonológica.

Na primeira atividade do teste 2, os alunos deveriam olhar e escrever o nome dos desenhos e, após, ligar os desenhos aos seus nomes na segunda atividade. Nesta atividade todos acertaram e nove alunos obtiveram êxito nas duas atividades. Em quatro dos testes, em que foram analisados a primeira atividade cujo objetivo era escrever o nome dos desenhos, surgiram palavras que foram grafadas da seguinte forma CADEADO – CADADO, BODE-BODI, DEDO- DDO.

## Teste 2

ESCREVA AS PALAVRAS:

LIGUE OS DESENHOS AOS SEUS NOMES:

BOI

CADEADO

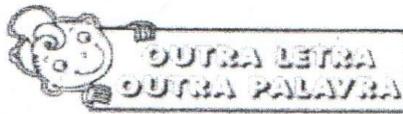
DADO

BAÚ

E em outras quatro atividades os alunos grafaram as palavras da seguinte forma; BODE- BODIDE e DODE, CABIDE – CDIDE e CBIDE, CADEADO- CEADO e CDEADO, BOCA – DOCA. Nosso sistema de escrita é de natureza alfabético-ortográfica. Para tornar a sua escrita socializável, a criança passa a combinar elementos gráficos, podendo omitir letras em consequência da transição de hipóteses já elaboradas para a construção da escrita.

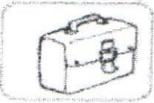
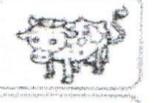
No terceiro teste, cujo nome é “Outra letra, outra palavra”, os alunos deveriam completar os espaços com as consoantes que faltavam para escrever o nome das figuras. Três alunos conseguiram completar todas as palavras com as letras corretas.

Teste 3



Livia

COMPLETE OS ESPAÇOS COM AS LETRAS QUE FALTAM PARA ESCREVER O NOME DAS FIGURAS.

<u>P</u> A <u>T</u> O		<u>R</u> R <u>O</u> L <u>O</u>		<u>B</u> A <u>L</u> A	
<u>G</u> A <u>T</u> O		<u>L</u> O <u>B</u> O		<u>M</u> A <u>L</u> A	
<u>R</u> R <u>A</u> T <u>O</u>		<u>R</u> O <u>L</u> O		<u>B</u> A <u>L</u> A	
<u>D</u> A <u>D</u> O		<u>C</u> O <u>P</u> O		<u>V</u> A <u>C</u> A	
<u>M</u> A <u>T</u> O		<u>R</u> R <u>O</u> D <u>O</u>		<u>F</u> A <u>C</u> A	
<u>S</u> A <u>P</u> O		<u>M</u> O <u>L</u> A		<u>C</u> A <u>M</u> A	
<u>D</u> E <u>D</u> O		<u>C</u> O <u>L</u> A		<u>B</u> O <u>T</u> A	
<u>Q</u> E <u>J</u> O		<u>B</u> O <u>L</u> A		<u>F</u> O <u>C</u> A	
<u>P</u> E <u>R</u> A		<u>S</u> O <u>F</u> A		<u>B</u> O <u>N</u> É	
<u>P</u> E <u>N</u> A		<u>B</u> O <u>C</u> A		<u>T</u> A <u>T</u> U	

54



Oito alunos confundiram o som das letras, sendo que “erraram” poucas palavras exemplos FACA-FAQA, PÊRA-PELA, COPO-QOPO, CAMA-GAMA, RATO-RRATO, ROLO-RROLO, RODO-RRODO, BONÉ-BOMÉ, COPO- COTO, PENA-PEMA, CAMA-CÂMÀ, MATO-NATO, GATO-HATO, SAPO-SATO. Dentre os alunos que se encontravam no nível pré-silábico, de acordo com a análise da avaliação

anteriormente citada, destacam-se a grafia das seguintes palavras; SAPO-SATO, BOLO-DOLO, RODO-UOLO, COLA-DOLA, SOFÁ-DOFÁ, BOTA-DOTA, RODO-ROTO.

Espera-se que o aprendiz possa perceber o valor sonoro e posicional das letras do alfabeto na representação da fala através da escrita e, que nesta representação da fala, não são usadas letras aleatórias para formar palavras, bem como, nem sempre, são usadas apenas uma letra para representar um fonema no registro escrito de uma palavra.

O resultado das atividades aplicadas, demonstra a influência da consciência fonológica e sua contribuição de forma significativa no processo de aquisição da escrita, uma vez, que, durante a aplicação, notou-se a preocupação dos alunos em registrar o som da fala.

Após essas intervenções utilizando atividades que contemplam o desenvolvimento da consciência fonológica o desempenho de meus alunos em sala de aula é surpreendente tanto na leitura quanto na escrita. Tenho o hábito de pedir a alguns desses alunos para lerem o enunciado das atividades, para outros peço para lerem as palavras e o melhor de tudo é que todos têm capacidade de ler. Certas atividades como cruzadinhas e caça-palavras, eles já conseguem fazer sozinhos, alguns conseguem até mesmo não tendo o banco de palavras nas atividades.

### **Análise das entrevistas**

Foram entrevistados quatro professores do 1º Ano do Ensino Fundamental a respeito da alfabetização, letramento e consciência fonológica, bem como a influência desta 'consciência fonológica' no processo de aquisição da escrita.

Para tanto, realizou-se os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, pesquisa empírica com a elaboração da entrevista, aplicação da entrevista e análise das respostas.

Em relação à alfabetização e ao letramento, aqui neste trabalho, a análise tanto das respostas das entrevistas quanto dos testes é baseada na fala de Soares (2003) de que letrar é mais que alfabetizar; é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

Segundo uma das professoras entrevistadas *“um individuo alfabetizado não é necessariamente um individuo letrado. Alfabetizado é aquele individuo que sabe ler e escrever, já o individuo que vive em estado de letramento é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e escrita, respondendo adequadamente as demandas sociais de leitura e de escrita”*.

Quanto aos métodos de alfabetização duas das professoras entrevistadas responderam que usam um pouco de cada método, como se pode perceber nesta fala de uma das entrevistadas:

*“Eu uso vários métodos, como: contos, frases, palavras, sílabas e letras, trabalho todos por partes, uso jogos, palavras cruzadas, alfabeto móvel, parlendas, frases com palavras escolhidas, etc. Porque através destas atividades os alunos estabelecerão uma correspondência entre o som e a escrita”*.

Nota-se nesta fala uma metodologia de trabalho para além da simples identificação de um método preferencial e exclusivo.

O educador que se dispõe a exercer o papel de "professor-letrador" considera que:

[...] o ato de educar não é uma doação de conhecimento do professor aos educandos, nem transmissão de idéias, mesmo que estas sejam consideradas muito boas. Ao contrário, é uma contribuição "no processo de humanização". Processo este de fundamental papel no exercício de educador que acredita na construção de saberes e de conhecimentos para o desenvolvimento humano, e que para isso se torna um instrumento de cooperação para o crescimento dos seus educandos, levando-os a criar seus próprios conceitos e conhecimento. (FREIRE, 1990 apud PEIXOTO et al, 2004).

Mas, há também uma professora que utiliza o método global que, aqui neste trabalho pode ser entendido como o Método Analítico:

*“Utilizo o método global, ou seja, partindo de pequenos textos tais como: poesias, parlendas, músicas, as crianças vão fazendo listas, escrita de títulos, cópia de títulos, interpretação das partes do enunciado. Trabalho com este método por acreditar na aprendizagem significativa e contextualizada ao invés do silábico que é uma aprendizagem mecânica.”*

Aparece também uma professora que trabalha com o Método Sintético como ela mesmo cita *“Fônico, porque favorece o princípio alfabético, a relação fonema-grafema e seu inverso.”* E esta outra professora afirma o seguinte: *“Trabalho com a*

*abordagem sócio-interacionista (Teoria construtivista) porque valoriza a interação/participação do aluno no processo de alfabetização.”*

A respeito dos métodos de alfabetização cita-se Cagliari (1998, p. 12) para endossar algumas escolhas das professoras:

Quem inventou a escrita inventou ao mesmo tempo as regras da alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente. A alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. De certo modo, é a atividade escolar mais antiga da humanidade.

Na realidade, alfabetização e letramento, esses dois processos, caminham juntos, ou melhor, o processo de letramento antecede a alfabetização, permeia todo o processo de alfabetização e continua a existir quando já estamos alfabetizados.

Segundo Soares (2000) deve-se alfabetizar letrando, porque;

Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

Quanto ao que é preciso para alfabetizar, as respostas das professoras demonstraram a importância do uso de vários gêneros textuais e de práticas sociais de leitura e escrita:

*“Para alfabetizar é preciso que a criança esteja em contato direto com o mundo letrado, ou seja, envolvida com as práticas sociais de leitura e escrita, observando placas, números, nomes das ruas, em contato direto com livros, revistas e jornais. Assim ela poderá ler sem saber convencionalmente.”*

Notou-se, também, preocupação com a valorização dos conhecimentos prévios: *“Aprender a construir sentido para e por meio de textos escritos usando experiências e conhecimentos prévios.”*

No processo de alfabetização, o desenvolvimento da linguagem oral e escrita quando permeado pela vivência escolar de uma diversidade de gêneros textuais, contribui para que a criança possa compreender e aprender o sistema de representação da escrita e dela fazer uso social.

Para a criança, o ensino da língua tem mais sentido e significado quando são trabalhados gêneros textuais que circulam socialmente ou que fazem parte do

universo infantil. Vivemos em uma sociedade grafocêntrica. Assim, a criança inicia seu processo de aprendizado da escrita antes mesmo de entrar na escola e esse processo será tanto mais natural e rápido quanto maiores forem as oportunidades de contato da criança com a linguagem escrita em seu meio de convivência e na escola.

Na escola, a todo momento, a criança precisa receber novos estímulos para se expressar oralmente, ouvir os colegas, ler e escrever, oferecendo-lhe a oportunidade de construir novas aprendizagens a partir do que vivencia.

Destaca-se, ainda na fala desta professora, o respeito ao tempo da criança; *“Primeiro é preciso respeitar o tempo da criança, depois eu devo fornecer várias ferramentas para o aluno construir o processo de aprendizagem da leitura e escrita. O professor não deve deixar os alunos fazerem sozinhos e nem fazer para eles, o professor deve garantir práticas que ajudem o aluno a refletir enquanto aprende.”*

Para desenvolver a consciência fonológica, as atividades citadas pelas professoras foram: trabalho com rimas, separação de sílabas, identificação de palavras com o mesmo som inicial, com o mesmo som final, grupos de palavras, jogos das sílabas, textos variados como trava-línguas, adivinhas, parlendas, ditados populares, poemas, músicas.

As entrevistadas citaram ainda *“utilização de textos onde predominam as rimas, pois assim sendo o aluno terá contato com as repetições e logo associará à leitura e escrita”* e, também, o *“trabalho com textos diversos em gênero e estilo, valorizando a linguagem oral e sua relação com a escrita.”*

Cada vez que a criança recebe estímulos para fazer uso da leitura e da escrita, produzindo, brincando, ela está sendo instigada a novas descobertas, tendo a oportunidade de explorar o que está à sua volta de diferentes maneiras, confrontando os seus conhecimentos anteriores com novas experiências.

Para Emilia Ferrero (1989), as crianças aprendem fazendo e respondendo perguntas sobre o objeto a ser conhecido, num processo de reelaboração constante de suas respostas. O processo de aquisição do sistema de representação da escrita pelo aprendiz é gradativo, com ritmos próprios e diferenciados, envolvendo estruturas motoras e cognitivas conflitantes.

Considerando esta heterogeneidade, as intervenções de aprendizagem devem garantir que as estruturas já existentes sirvam de suporte para o

desenvolvimento de novas estruturas até a criança compreender o funcionamento do processo de leitura e escrita como um sistema de representação da linguagem e, deste processo fazer uso social.

A consciência fonológica pode ser definida como *“a habilidade do ser humano de refletir conscientemente sobre os sons da fala”*. Quanto à consciência fonológica, as entrevistadas concordam que ela influencia de maneira positiva o processo de aquisição da escrita: *“A consciência fonológica é imprescindível para a compreensão do princípio alfabético e para entender a lógica da decodificação, pois os fonemas são as unidades de som representadas pelas letras”*.

Segundo uma outra professora, *“quando o aluno atinge a consciência fonológica se torna mais fácil a intervenção do professor sobre a fala e a escrita, pois o próprio educando começa a entender essa correlação de forma natural durante o processo de aprendizagem da leitura e escrita”*.

Assim, as entrevistadas concordam que a consciência fonológica contribui de forma importante no processo de aquisição da escrita, como demonstra essa fala:

*“A consciência fonológica se desenvolve gradualmente enquanto a criança adquire conhecimento das palavras, sílabas e fonemas. Esse desenvolvimento parece ocorrer naturalmente, segundo um ritmo previsto na linguagem oral, mas porém também é afetado pelo tipo de experiência que a criança possui”*.

Assim, Moraes, Mousky e Kolinsky (1998 apud Lamprecht, 2004) concluem que a relação entre a consciência fonológica e a aquisição da escrita é de causalidade recíproca: um nível mínimo de consciência fonológica facilita a aquisição da escrita que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento e o aprimoramento das habilidades metafonológicas. A consciência fonológica pode ser vista como um facilitador (F. Yavas, 1989, Haase, 1990 apud Lamprecht, 2004) para a aquisição da escrita, que proporciona o aprimoramento das capacidades metafonológicas.

## 5. CONCLUSÃO

A análise das atividades aplicadas, permitiu constatar que a utilização do método misto de alfabetização, de forma coerente e crítica, juntamente com as atividades para desenvolver a consciência fonológica, contribuem para a aquisição da escrita.

A concepção de que a consciência fonológica beneficia o processo de aquisição da escrita afirma que este processo pressupõe a capacidade de prestar atenção às estruturas fonológicas da fala (Cielo, 1996; Cardoso-Martins, 1995 apud Lamprecht, 2004).

A criança deve dominar a correspondência fonema-grafema para poder extrair sentido do material escrito. Sendo assim, a consciência fonológica permite as crianças, em fase de aquisição da escrita, fazerem uma melhor utilização das pistas grafêmicas, compreendendo as correspondências delas com os fonemas.

A criança deve recorrer ao conhecimento da língua oral para trabalhar com a língua escrita (Cielo, 1996, p.35 apud Lamprecht, 2004). Segundo essa perspectiva, é a metafonologia que garante compreensão da relação grafema-fonema, devendo estar desenvolvida antes do início da aquisição da escrita.

A consciência fonológica desenvolve-se gradualmente, a partir de algumas habilidades que já existem antes do início da aquisição da escrita e são aprimoradas, contribuindo para o surgimento de novas habilidades metafonológicas. Ela parte de um nível implícito para um nível explícito de análise de sons da fala, que é necessário no momento da descoberta da relação entre grafemas e fonemas.

Atualmente, o ideal não é apenas contribuir para que o aluno apenas decodifique, seja alfabetizado em um sentido restrito, mas que seja alfabetizado e letrado e consiga fazer uso social da língua, nas práticas de leitura e de escrita. Essa meta torna-se possível quando se trabalha com atividades que desenvolvam a consciência fonológica, com diversos gêneros textuais e uma metodologia de ensino que contemple o lado sistemático e necessário da alfabetização e o lado social e cognitivo do letramento.

Essas duas ações pedagógicas, alfabetizar e letrar, desenvolvidas simultaneamente e com competência, garantirão um processo de aquisição da

língua escrita prazeroso, com sentido, salutar e necessário para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

## 6. REFERÊNCIAS

ADAMS. Marilyn Jaguer. *Consciência fonológica em crianças pequenas/ Marilyn Jaguer Adams*. [Et al.]. – Porto Alegre: Artmed, 2006. 215 p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1998.

CARVALHAIS, Lénia Sofia de Almeida. *Treino de Consciência Fonológica em crianças com Dificuldades de Aprendizagem*. Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro, 2011. <http://www.ldworldwide.org/mozambique-ssl-n2v1/634> acesso em maio de 2012.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. *Alfabetização e Letramento: repensando o ensino da língua escrita*. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm> acesso em maio de 2012.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo . *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREITAS, G. C. M. *Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo longitudinal*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) - Faculdade de Letras, PUC-RS, Porto Alegre, 2004.

LAMPRECHT, Regina Ritter. *Aquisição fonológica do português: perfil do desenvolvimento e subsídios para terapia/ Regina Ritter Lamprecht, Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha, Gabriela castro Menezes de Freitas, Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Carolina Lisbôa Mezzomo, Carolina Cardoso Oliveira e Letícia Pacheco Ribas* – Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDEIROS E OLIVEIRA. *A influência da consciência fonológica em crianças alfabetizadas pelos métodos fônico e silábico*. - Tatiana Gonçalves de Medeiros, Elka Renata Costa Oliveira, 2008. <http://www.scielo.br/scielo.php?> Acesso em maio de 2012

PCN. Parâmetros curriculares nacionais: *Língua Portuguesa*. Brasília, 2001.

PEIXOTO, Cynthia Santuchi et al. *Letramento você pratica?* 2004  
<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno09-06.html> (acesso em maio de 2012.)

RIBEIRO, Vera Masagão. *O conceito de letramento e suas implicações pedagógicas*. *Pátio*, Ano VI Nov 2002/jan/2003, pp. 54-57.

SILVA, Adenilza Cristina da. *Desenvolvimento da compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabético*/ Adenilza Cristina da Silva – UFMG/FaE, 2010. 53 f., enc.

SILVA, Priscila Pâmela F. da. *A Consciência fonológica e o aprendizado da leitura e da escrita*. 2010. <http://www.artigonal.com/educacao-online-artigos/a-consciencia-fonologica-e-o-aprendizado-da-leitura-e-escrita-2383646.html> acesso em maio de 2012.

SOARES, Magda Becker. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/outrostestos/semagdasoares.doc>> acesso em maio de 2012

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ªed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. *Letrar é mais que alfabetizar*. *Jornal do Brasil*. nov. 2000.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## 6. ANEXOS

### ENTREVISTAS

#### ENTREVISTADA 1 – R.B.

1) A alfabetização pode ser definida como processo específico e indispensável para a apropriação do sistema de escrita. Quais métodos você utiliza para alfabetizar? Por que?

Eu uso vários métodos, como: contos, frases, palavras, sílabas e letras, trabalho todos por partes, uso, jogos, palavras cruzadas, alfabeto móvel, parlendas, frases com palavras escolhidas, etc. Porque através destas atividades os alunos estabelecerão uma correspondência entre o som e a escrita.

2) Alfabetização e Letramento são entendidos como processos distintos, com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. Assim sendo, para você, o que é preciso para alfabetizar?

Primeiro é preciso respeitar o tempo da criança, depois eu devo fornecer várias ferramentas para o aluno construir o processo de aprendizagem da leitura e escrita. O professor não deve deixar os alunos fazerem sozinhos e nem fazer para eles, o professor deve garantir práticas que ajudem o aluno a refletir enquanto aprende.

3) A consciência fonológica pode ser definida como a habilidade do ser humano de refletir conscientemente sobre os sons da fala. Quais atividades você utiliza para desenvolver a consciência fonológica em seus alunos? Cite-as?

Trabalho com rimas, separação de sílabas, identificar palavras com o mesmo som inicial, com o mesmo som final, grupos de palavras, jogos das sílabas.

4) Para você o desenvolvimento da consciência fonológica contribui para o processo de aquisição da escrita. Por que?

Sim. A consciência fonológica se desenvolve gradualmente enquanto a criança adquire conhecimento das palavras, sílabas e fonemas. Esse desenvolvimento parece ocorrer naturalmente, segundo um ritmo previsto na

linguagem oral, mas porém também é afetado pelo tipo de experiência que a criança possui.

## ENTREVISTA 2 – M. L.

1) A alfabetização pode ser definida como processo específico e indispensável para a apropriação do sistema de escrita. Quais métodos você utiliza para alfabetizar? Por que?

Trabalho com a abordagem sócio-interacionista (Teoria construtivista). Porque valoriza a interação/participação do aluno no processo de alfabetização.

2) Alfabetização e Letramento são entendidos como processos distintos, com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. Assim sendo, para você, o que é preciso para alfabetizar?

Para alfabetizar é necessário estar atento para ações e estratégias que possibilitam alcançar um estado de prontidão do educando, quando se torna mais fácil propiciar a aprendizagem.

3) A consciência fonológica pode ser definida como a habilidade do ser humano de refletir conscientemente sobre os sons da fala. Quais atividades você utiliza para desenvolver a consciência fonológica em seus alunos? Cite-as?

Trabalho com textos diversos em gênero e estilo, valorizando a linguagem oral e sua relação com a escrita.

4) Para você o desenvolvimento da consciência fonológica contribui para o processo de aquisição da escrita. Por que?

Sim. Quando o aluno atinge a consciência fonológica se torna mais fácil a intervenção do professor sobre a fala e a escrita, pois o próprio educando começa a entender esta correlação de forma natural durante o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

### ENTREVISTA 3- M. J. V.

1) A alfabetização pode ser definida como processo específico e indispensável para a apropriação do sistema de escrita. Quais métodos você utiliza para alfabetizar? Por que?

Fônico, porque favorece o princípio alfabético, a relação fonema-grafema e seu inverso.

2) Alfabetização e Letramento são entendidos como processos distintos, com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. Assim sendo, para você, o que é preciso para alfabetizar?

Aprender a construir sentido para e por meio de textos escritos usando experiências e conhecimentos prévios.

3) A consciência fonológica pode ser definida como a habilidade do ser humano de refletir conscientemente sobre os sons da fala. Quais atividades você utiliza para desenvolver a consciência fonológica em seus alunos? Cite-as?

Textos variados;

Trava-linguas

Advinhas

Parlenda

Ditados populares

Poemas

Músicas

Outros

4) Para você o desenvolvimento da consciência fonológica contribui para o processo de aquisição da escrita. Por que?

Sim. A consciência fonológica é imprescindível para a compreensão do princípio alfabético e para entender a lógica da decodificação, pois os fonemas são as unidades de som representadas pelas letras.

#### ENTREVISTA 4 – M. J. M.

1) A alfabetização pode ser definida como processo específico e indispensável para a apropriação do sistema de escrita. Quais métodos você utiliza para alfabetizar? Por que?

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever mas aquele que usa socialmente, a leitura e a escrita adequadamente as demandas sociais de leitura e escrita.

Utilizo o método global, ou seja, partindo de pequenos textos tais como: poesias, parlendas, músicas, as crianças vão fazendo listas, escrita de títulos, cópia de títulos, interpretação das partes do enunciado.

Trabalho com este método por acreditar na aprendizagem significativa e contextualizada ao invés do silábico que é uma aprendizagem mecânica.

2) Alfabetização e Letramento são entendidos como processos distintos, com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. Assim sendo, para você, o que é preciso para alfabetizar?

Para alfabetizar é preciso que a criança esteja em contato direto com o mundo letrado, ou seja, envolvida com as práticas sociais de leitura e escrita, observando placas, números, nomes das ruas, em contato direto com livros, revistas e jornais. Assim ela poderá ler sem saber convencionalmente.

3) A consciência fonológica pode ser definida como a habilidade do ser humano de refletir conscientemente sobre os sons da fala. Quais atividades você utiliza para desenvolver a consciência fonológica em seus alunos? Cite-as?

Utilização de textos onde predominam as rimas, pois assim sendo o aluno terá contato com as repetições e logo associará à leitura e escrita.. São as parlendas, poesias, trava-línguas, músicas dentre outros.

4) Para você o desenvolvimento da consciência fonológica contribui para o processo de aquisição da escrita. Por que?

Com certeza as crianças são capazes de reproduzir algumas características dos textos que lhes serviam como modelo. “A rima se obtém por procedimento de aliteração ou de repetição sonora”.